



“A VIDA POR UM FIO”: UM EXERCÍCIO DE CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

Karine dos Santos Araujo (PPGE/UFMT) – karinearaujo.psico@gmail.com
Daniela Barros da Silva Freire Andrade (PPGE/UFMT) – freire.d02@gmail.com
GT 5: Educação e Psicologia

Resumo:

O presente estudo se propõe a debater a pertinência da técnica “A vida por um fio” no contexto de pesquisa como um exercício metodológico. A referida técnica surge em contexto de estágio curricular, inserido no projeto de extensão “Rede de Apoio a Infância: Interlocação entre a Psicologia e a Pedagogia” e consiste no uso e transformação de um “fio” ou “barbante” em uma imagem carregada de significados. Nesse sentido, ancora-se na Teoria das Representações Sociais em articulação com a Teoria Histórico Cultural. Para isso, apresenta e discute duas pesquisas de Mestrado em Educação, as quais utilizaram a técnica mencionada como instrumento de produção de dados, onde foi possível analisar que a mesma atua como mediadora na produção de narrativas, tendo potencial de indutora de metáforas, operando na orientação do pensamento e dos processos simbólicos e demonstrando ampla possibilidade de utilização e aplicabilidade da técnica.

Palavras-chave: Representações sociais. Exercício metodológico. A vida por um fio.

1 Introdução

O presente trabalho, ancorado numa abordagem psicossocial, se propõe a debater a pertinência da técnica “A vida por um fio” (ANDRADE, SANTOS, LOPES, 2017) no contexto de pesquisa, em uma perspectiva de exercício metodológico. A técnica origina-se no contexto de estágio básico, disciplina do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus Cuiabá., a qual faz parte do projeto de extensão “Rede de Apoio à Educação Infantil: interface com a Psicologia e a Pedagogia”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância (GPPIN), tendo como objetivo privilegiar a ludicidade e a narrativa enquanto ferramentas psicológicas para auxiliar nos processos de desenvolvimento e aprendizagem infantil.

Para isso, foram apresentadas e discutidas duas pesquisas de mestrado (CARVALHO, 2021¹; ARAUJO, 2021, em fase de elaboração²) as quais utilizaram a técnica “A vida por um fio” (ANDRADE, SANTOS, LOPES, 2017) como ferramenta metodológica.

¹ A pesquisa citada está em processo de publicação, sendo que a defesa ocorreu em 2021.

² A pesquisa citada encontra-se em andamento, sendo que não houve defesa, nem publicação de dissertação até o momento. Portanto, o ano de 2021 mencionado fará referência a condição atual de produção dos dados e da pesquisa.

Dessa forma, o trabalho ancora-se na abordagem ontogenética (DUVEEN; LLOYD, 2008) da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003, JODELET, 2001) em articulação com a Teoria Histórico Cultural (VIGOSTKI, 2010, 2000; PRESTES, 2010).

2 Referencial teórico

Este estudo orienta-se a partir de uma perspectiva psicossocial, estabelecendo um diálogo entre a Teoria Histórico Cultural e a Teoria das Representações Sociais em sua abordagem ontogenética, partindo de uma leitura psicossocial do processo de construção sociocognitiva do conhecimento.

Nesse sentido, a Teoria Histórico Cultural apresenta-se como importante referencial para compreensão do desenvolvimento humano. Cunhada pelo psicólogo russo Lev S. Vigotski, a partir da Lei Geral Genética do Desenvolvimento Humano, compreende-se que o indivíduo possui funções elementares, possibilitadas por uma estrutura orgânica fruto de uma herança biológica, as quais precisam ser superadas pelas funções superiores (ações controladas, linguagem, consciência). Esse processo de superação só é possível no contato com o outro, no meio social e através da linguagem (VIGOTSKI, 2000, 2010; PRESTES, 2010). Em outras palavras, o desenvolvimento humano se dá através de um processo interminável que acontece em ambientes culturalmente organizados e socialmente regulados, por meio de relações de interação entre pares e/ou com a cultura. Assim, para o autor, o ser humano constitui-se nas relações sociais e com o meio (VIGOTSKI, 2010).

Nesse sentido, conforme Prestes (2010), o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, tais como a memória, o pensamento lógico, não se apresentam prontas ao nascer, mas sim, formam-se durante a vida. Pode-se dizer que há um movimento interpsicológico e, posteriormente, intrapsicológico, no desenvolvimento. Sendo um em primeiro plano, como uma atividade coletiva, social (entre homens) e, em um segundo plano, como uma dimensão interna (intrapsicológica) do processo de pensamento da pessoa (PRESTES, 2010).

Vigotski (2010) ressalta a importância das *vivências* na constituição subjetiva dos indivíduos. Para o autor, vivência pode ser compreendida como uma relação indissociável da personalidade com as particularidades do meio, da forma como este está representado

no desenvolvimento. Estas carregam significações e interpretações pessoais (situação social de desenvolvimento), mas também são permeadas pelo arcabouço simbólico construído no e pelo meio sociocultural. Entretanto, o papel do meio difere de acordo com a situação social de desenvolvimento ou nível de consciência acerca da situação vivida, e a faixa etária, por exemplo, pode ser um dos fatores de impacto, mas não o único. Sendo assim, só é possível compreender o papel do meio no desenvolvimento do sujeito quando se entende a relação estabelecida entre eles. Considerando que o meio é dotado de significados, torna-se possível pensá-lo como atuante no desenvolvimento dos indivíduos, enquanto estes se relacionam com o meio (VIGOTSKI, 2010).

Segundo Vigotski, (2001), o significado, no campo semântico, corresponde às relações que a palavra pode encerrar; já no campo psicológico, é uma generalização, um conceito. O que se internaliza não é o gesto como materialidade do movimento, mas a sua significação, que tem o poder de transformar o natural em cultural. Os significados são, portanto, produções históricas e culturais, são eles que permitem a socialização e comunicação de nossas experiências. Já o sentido deve ser entendido como um ato do homem mediado socialmente, não sendo possível uma determinação de modo completo, mas sim uma soma da riqueza de momentos existentes na consciência. Quando debatemos sentido e significado, devemos lembrar que ambos são constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional, sendo estas unidades regentes indissociáveis que se constituem mutuamente (VIGOSTKI, 2001).

Dessa forma, cabe introduzir a Teoria das Representações Sociais (TRS), desenvolvidas por Moscovici (2003), na qual o autor define representações sociais como uma perspectiva para compreender os diversos fenômenos e objetos de nosso mundo social, concebendo o ser humano nos contextos mais amplos das relações sociais. Para Jodelet (2001, p.22), representações sociais podem ser definidas como “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Além disso, conhecida como saber de senso comum, tal forma de conhecimento se diferencia do conhecimento científico. Entretanto, é tida como objeto de estudo tão legítimo quanto este. As representações sociais “são abordadas concomitantemente como produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade” (JODELET, 2001, p.22).

Para Moscovici (2003), as representações sociais são uma forma de tornar o não-familiar em algo familiar. No entanto, transformar palavras, ideias ou seres não-familiars em palavras usuais, próximas ou atuais não é tarefa fácil. Nesse sentido, é necessário apresentar dois mecanismos fundamentais para a formação de representações sociais, sendo a Objetivação e Ancoragem.

A ancoragem consiste num processo de transformação de algo estranho e perturbador em nosso sistema particular de categorias. Ou seja, ancorar é “classificar, dar nome a alguma coisa”, e isso se faz importante, uma vez que, quando não classificado e não nomeado, um objeto torna-se ameaçador, ou mesmo, não existente. Quanto a Objetivação, esta tem como objetivo “transformar algo abstrato em algo concreto” (MOSCOVICI, 2003, p.61). Em outras palavras, “objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem.” (MOSCOVICI, 2003, p.71). Ou seja, pode-se dizer que à ancoragem compete familiarizar o conhecimento, enquanto a objetivação transforma-o em imagem, sendo que esses processos acontecem mutuamente.

Conforme Marková (2017, p.369), na busca por responder o que é social e individual, Moscovici reafirmou a necessidade de considerar a indissociabilidade destes. Sendo assim, introduz-se a noção de Eu e os Outros (Ego-Alter), sendo estes mutuamente interdependentes em e pela interação, sendo que o Ego-Alter atuam conjuntamente na construção da realidade social – objetos de conhecimento, crenças ou imagens. Constituiu-se então a base da interação triangular na Teoria das Representações Sociais: Ego-Alter-Objeto.

Ampliando a discussão, ao integrar os conceitos, Bauer e Gaskell (1999) expandiram tal triangulação, acrescentando a dimensão temporal como foco da construção de significados de senso comum, modelo conhecido como Toblerone. Os autores representam o triângulo como “uma construção alongada que capta transversalmente o passado, o presente e o futuro de significados de senso comum” (MARKOVÁ, 2017, p.370).

Nesse sentido, ao explorar a aprendizagem como processo social na educação, Zittoun (2014), conforme apresenta Marková (2017), desenvolve a noção Eu-Outro-Objeto do conhecimento. Dessa forma, ao incidir na mediação semiótica, Tânia Zittoun defende que “além de interagir com o professor sobre o Objeto do conhecimento, o aluno também está envolvido em um diálogo interno consigo mesmo, ou seja, acerca do Objeto

do conhecimento” (MARKOVÁ, 2017, p.371). Portanto, faz-se necessário distinguir entre o que já se sabe sobre o Objeto do conhecimento e o objeto de conhecimento ao qual o aluno está exposto, sendo que o dialogo interior do aluno com o Objeto de conhecimento prossegue ao longo de duas linhas: uma partindo do conhecimento prévio do aluno e sua experiência, ou sua “cultura pessoal”; outra decorrente de modos formais de aprendizagem, ou seja, a partir do que é social e culturalmente reconhecido como conhecimento (MARKOVÁ, 2017).

Sendo assim, o processo de conhecer está envolvido com processos de internalização, reorganização do conhecimento anterior e construção de novos saberes (ZITTOUN, 2014 apud MARKOVÁ, 2017). Por isso, a mediação semiótica de Zittoun, apresentada por Marková (2017), necessita “expandir o triângulo original didático Estudante-Outro-Objeto em um prisma, no qual o Objeto é cativado pela “cultura pessoal” e pelas linhas social e culturalmente reconhecidas do pensamento” (MARKOVÁ, 2017, p.371).

2.2 Narrativa e Metaforização

Teibel (2017), ao citar Jovchelovitch (2002), anuncia que narrativas podem ser vistas como uma das principais formas de discursos, de forma que as representações sociais são atualizadas e ganham vida por meio destas, ao encontrar terreno privilegiado para se incubar e desenvolver. Isso se dá, pois, as significações, e consequentemente as representações sociais, não são saberes transmitidos de forma solta, mas articuladas em narrativas. Sendo assim, as narrativas são consideradas mecanismos responsáveis por auxiliar o indivíduo no processo de significação da realidade, por meio da qual é possível interpretar a dinâmica social e subjetiva (JOVCHELOVITCH, 2002; TEIBEL, 2017).

Da mesma forma, uma vez que os grupos reflexivos são os responsáveis por desenvolver representações através de conversações, com o objetivo de assimilar e acomodar novos objetos, torna-se necessário examinar o processo argumentativo que os grupos realizam através das figuras de linguagem. As figuras de linguagem – metáforas, metonímias, etc – organizam as representações sociais. Mazzotti (2002) defende que metáfora se refere a noção de modelo, sendo um processo responsável pela organização do pensamento.

Ao considerar que “O processo de metaforização, ou de predicação, é um passo inicial na aquisição do conhecimento, que deve sofrer críticas visando seu refinamento” (QUINE, 1992, p.162 apud MAZZOTTI, 2003, p.98), destaca-se o papel das metáforas na formação dos discursos e do próprio pensamento. Considera-se que as representações sociais tratam-se de um conhecimento o qual não se encontra pronto, mas é apresentado, construído, enunciado frequentemente por metáforas durante a situação em que estas são solicitadas, a título de exemplo, entrevistas de pesquisa. Nesse sentido, sujeitos vão elaborando e manifestando metáforas acerca do objeto de representação, sob influência da situação de interlocução (CAMPOS, LEMGRUBER, CAMPOS, 2020, p.164-165).

Nesse sentido, pode-se considerar que “a metáfora, por sua característica central, é uma condensação de significados produzida a partir da analogia, sendo, por isso, considerada uma analogia condensada” (MAZZOTTI, 2003, p.92). Portanto, por serem analogias condensadas, “podem ser examinadas de maneira a expor o esquema analógico utilizado pelos entrevistados, viabilizando uma interpretação mais controlada de seus argumentos” (MAZZOTTI, 2003, p.101). Dessa forma, assume-se que as investigações em representações sociais buscam expor a constituição das metáforas.

3 “A vida por um fio”

A técnica “A vida por um fio” (ANDRADE, SANTOS, LOPES, 2017) foi desenvolvida no contexto de Estágio Básico I: contextos socioeducativos (EB I), disciplina do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá. O EB I faz parte do projeto de extensão guarda-chuva “Rede de Apoio à Educação Infantil: interface com a Psicologia e a Pedagogia”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância (GPPIN). O projeto tinha como objetivo a busca por privilegiar a ludicidade e a narrativa enquanto ferramentas psicológicas para auxiliar nos processos de desenvolvimento e aprendizagem infantil.

Assim, a partir de observações realizadas no espaço do estágio destinado as famílias das crianças internadas e na brinquedoteca de um hospital especializado em tratamento oncológico, desenvolveu-se o subprojeto “A vida por um fio”, visando “promover condições favoráveis à produção de narrativas de crianças hospitalizadas em tratamento oncológico, seus acompanhantes e equipe de saúde sobre o sentido da vida e da morte” (ANDRADE, SANTOS, LOPES, 2017, p.2), considerando a dificuldade dos pais e profissionais da saúde em abordar o tema com crianças.

Nesse sentido, durante a intervenção ocorreu a abordagem com cada criança, sendo que esta foi feita de forma individual junto a entrevistas. Assim, as narrativas construídas pelas crianças evidenciaram a posição ativa destes atores sociais no que diz respeito a atribuição de sentidos e significados às experiências vivenciadas. Por fim, todas as narrativas inspiraram a elaboração de uma narrativa coletiva, nomeada de A vida por um fio (ANDRADE, SANTOS, LOPES, 2017).

Em outras palavras, a técnica consiste no manuseio de um “fio” ou “barbante”, transformando-o em imagem, ao mesmo tempo em que se fala sobre o que está sendo construído. Assim, a narrativa é utilizada como o principal método de produção de significações e sentidos pelos sujeitos, onde o desenho atua como uma representação destes (CARVALHO, 2021).

4 Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como um exercício de construção metodológica, o qual objetiva analisar a pertinência do uso da técnica “A vida por um fio” (ANDRADE, SANTOS, LOPES, 2017) como um instrumento de pesquisa, em um exercício metodológico. Nesse sentido, será realizada a análise de duas pesquisas de mestrado em educação (CARVALHO, 2021; ARAUJO, 2021), as quais utilizaram a mesma técnica como metodologia de pesquisa e, posteriormente, serão realizadas breves discussões acerca do uso desta técnica nas pesquisas.

5 Apresentação e análise de dados

O primeiro estudo trata-se de uma dissertação de mestrado, denominada “*Mãe, foi assim que você chorou quando a minha irmã morreu?*: Práticas educacionais no anúncio da morte *para, pela e com* crianças no contexto da pandemia de covid-19 – um estudo em representações sociais”, de Carvalho (2021). O referido estudo buscou identificar e compreender os conteúdos representacionais sobre morte e sobre criança, compartilhados por educadores.

A pesquisa se deu em ambiente remoto, por meio de plataforma para comunicação *online*. Para acessar os participantes, utilizou-se do perfil nas redes sociais da personagem Dra. Ana Tsuru, do projeto de extensão “Conversa com a Dr^a Ana Tsuru”,

o qual é caracterizado como um “ambiente formativo orientado por trocas simbólicas que promovem a representação social de crianças como atores sociais cujas produções de sentidos contribuem para a construção da realidade da morte no contexto de pandemia” (CARVALHO, 2021, p.).

O estudo tinha como objetivos identificar e compreender os conteúdos representacionais sobre morte e sobre criança compartilhados por educadores, considerando-os elementos orientadores de práticas educacionais que tratam do anúncio da finitude da vida para o público infantil no contexto da pandemia por Covid-19 em Cuiabá-MT (CARVALHO, 2021).

Como instrumentos de produção de dados, a pesquisa utilizou entrevista semiestruturada, adaptada para uma abordagem remota, sendo caracterizada como um estudo de caso de caráter exploratório. Além disso, para auxiliar na produção dos dados, a pesquisadora utilizou a técnica “a vida por um fio” (ANDRADE, SANTOS, LOPES, 2017), tendo como função o “suporte para a organização do pensamento”, atuando na produção de imagens-síntese do conteúdo representacional (CARVALHO, 2021).

Sendo assim, o roteiro de entrevista foi concebido neste estudo, observando a exposição dos temas sobre os quais os participantes exploraram livremente e a produção de objetivação através da construção de imagens com um fio. O roteiro de entrevista organizou-se entorno das seguintes questões: “Dados sociodemográficos”, “Breve contextualização do contexto”, “Associação de palavras: criança e morte” e “Indução de narrativas com produção imagética”, onde este último buscou “estimular os sujeitos ao exercício narrativo, organizado uma espécie de álbum de memórias”, abordando temas como Vida na pandemia, O adoecimento e a morte anunciados pela pandemia, A criança diante da pandemia e Conversa com a Dra. Ana Tsuru. Ao final de cada tema, a pesquisadora solicitava ao participante que produzisse uma imagem com o fio colocado à disposição.

O segundo estudo, trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento, a qual objetiva compreender quais as representações sociais de adolescentes sobre a prática de autolesão. De caráter exploratório, o estudo caracteriza-se como qualitativo, de abordagem psicossocial (MOSCOVICI, 2003) e assume a perspectiva de produção de dados (GRAUE, WALSH, 2003).

O referido estudo tem como objetivo compreender quais os conteúdos representacionais de adolescentes regularmente matriculados no ensino médio da rede pública estadual de educação acerca das práticas de autolesão, tendo sido submetido para apreciação de ética no Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos – Humanidades da Universidade Federal de Mato Grosso e obtendo parecer aprovado. Devido a pandemia de coronavírus (Sars-Cov-2) e as normas de distanciamento social, a produção de dados foi realizada em ambiente remoto, utilizando-se como ferramentas o *skype* e o *whatsapp*, sendo realizada entrevista individual semiestruturada, além de utilizada a técnica “a vida por um fio” (ANDRADE, SANTOS, LOPES, 2017).

Dessa forma, a pesquisa buscou escutar adolescentes regularmente matriculados no Ensino Médio de três unidades escolares da rede estadual de educação, localizadas na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, os quais possuíam infraestrutura necessária para participar do estudo (computador ou celular com internet no dia da entrevista), e tivessem o Consentimento dos pais/responsáveis (mediante Consentimento Livre e Esclarecido³) e dessem Assentimento em participar da pesquisa (Assentimento Livre e Esclarecido). Utilizou-se como critérios de exclusão adolescentes que não possuíam infraestrutura necessária para participação, não tivessem Consentimento dos pais/responsáveis, não dessem Assentimento, ou anunciassem queixas relacionadas à sofrimento psíquico com vistas a reduzir os riscos para os participantes da pesquisa.

Assim, após contato com as unidades escolares e anuência dos gestores, foi encaminhado convite para participação na pesquisa nos grupos de *whatsapp* das turmas de Ensino Médio das respectivas escolas. O convite consistia em 1) formulário de manifestação de interesse e 2) vídeo que instigava-os a participarem de *uma conversa acerca de aspectos da vida na adolescência que envolvem seu modo de ser e estar no mundo, colaborando para compreender elementos que contribuem para o bem estar ou o sofrimento psíquico dos adolescentes*. Não abordar o tema da pesquisa diretamente no convite tinha como finalidade filtrar os participantes, de modo a atender aos critérios de exclusão. Nesse sentido, e também por implicações éticas da pesquisa, se o(a) adolescente praticasse ou tivesse praticado autolesão, apenas seria feito acolhimento psicológico e orientações no sentido de psicoeducação, conforme Schmidt (2020).

3 . Tanto o Consentimento Livre e Esclarecido, quanto o Assentimento Livre e Esclarecido foram feitos e confirmados por meio de preenchimento de formulário do Google Forms, após contato via *whatsapp* com o(a) adolescente e seu responsável.

Após manifestação de interesse do(a) adolescente via formulário, era feito contato individual via whatsapp, explicitado sobre o tema e a dinâmica da pesquisa e, após confirmação do aceite em participar, era feito contato com pais e/ou responsáveis⁴. Após consentimento destes, marcava-se a entrevista e era solicitado que trouxesse um fio ou barbante para a mesma. No início da entrevista, era feita leitura conjunta do Assentimento Livre e Esclarecido, e após assentimento, dava-se prosseguimento com o roteiro de entrevista.

No que se refere ao roteiro de entrevista semiestruturada, este foi dividido em 7 temas, sendo eles: Dados sociodemográficos, Evocação imagética, Dimensão informacional, Dimensão atitudinal, Dimensão das práticas, Dimensão identitária e Acolhimento e Prevenção. No segundo ponto, “Evocação imagética”, era inserida a técnica “a vida por um fio”, onde questionava-se “Se o ato de se cortar fosse como fazer uma tatuagem, que mensagem ela teria? Você poderia representar com esse fio essa tatuagem?”. Assim, a técnica auxiliava no processo de mediação entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa, objetivando dentre outras coisas, identificar a objetivação das representações sociais anunciadas pelos adolescentes, através da transformação de um fio em uma imagem, nesse caso, anunciada como “uma tatuagem”.

Nesse sentido, nos dois estudos citados, ao orientar a produção imagética dos participantes, tal metodologia atuou como suporte ao estudo das objetivações, bem como na iminência da elaboração da fala, sendo condutora da elaboração verbal dos participantes dos respectivos estudos. Dessa forma, possibilitando a identificação das duas primeiras fases do processo de objetivação: construção seletiva e esquematização estruturante (CARVALHO, 2021).

6 Considerações finais

Pode-se considerar o “fio” um Artefato cultural (ZITTOUN, 2007, p.3), estes por sua vez, são ferramentas culturais, ou instrumentos, que medeiam a relação dos humanos com o mundo, com os outros e com eles próprios. Assim, foi possível identificar que “A vida por um fio” atuou como uma técnica mediadora na produção de narrativas com potencial de indução de metáforas, favorecendo a unidade regente cognição-afeto.

4 Tanto o número de contato do adolescente, quanto de seus responsáveis eram informados no formulário de manifestação de interesse.

Nesse sentido, a técnica operou na orientação do pensamento e dos processos simbólicos. Dessa forma, esta se aplica as representações sociais, por atuar na iminência do desenvolvimento e nos processos de significação dos participantes de ambas as pesquisas, caracterizando-se como mediadora nos processos comunicacionais.

A indução de metáforas e o manejo do fio atuam na produção imagética, sintetizando as redes de significados e propiciando as manifestações das singularidades dos participantes das pesquisas, atuando na unidade Sentido-Significado. Além disso, por se tratar de uma técnica que favore a produção imagética, torna possível identificar a objetivação das representações sociais anunciadas.

Ademais, a técnica “A vida por um fio” demonstrou ampla possibilidade de utilização, sendo que foi desenvolvida no contexto de extensão e intervenção de estágio, e posteriormente foi inserida no contexto de pesquisa por Carvalho (2021), visando garantir a temporalidade e acompanhar o fluxo do tempo com relação a construção e compartilhamento de saberes sobre a morte para crianças no contexto de pandemia e Araujo (2021), objetivando uma análise intencional da objetivação das representações sociais anunciadas pelos e pelas adolescentes. Ainda, na pesquisa de Araujo (2021), “a vida como um fio” se mostrou como uma ferramenta mediadora na relação entre pesquisadora e participantes, potencializado a construção de vínculos.

Por fim, demonstrou ampla aplicabilidade, uma vez que foi conduzida com crianças (ANDRADE, SANTOS, LOPES, 2017), com adultos (CARVALHO, 2021) e com adolescentes (ARAUJO, 2021); em ambiente remoto (CARVALHO, 2021; ARAUJO, 2021) ou presencial (ANDRADE, SANTOS, LOPES, 2017); com indivíduos (CARVALHO, 2021; ARAUJO, 2021) ou grupos (ANDRADE, SANTOS, LOPES, 2017), além de apresentar certa plasticidade com relação aos diferentes objetos de pesquisa.

Referências

ANDRADE, D. B. S. F.; SANTOS, C. L. dos; LOPES, G. W. A VIDA POR UM FIO: NARRATIVAS E SIGNIFICAÇÕES DE CRIANÇAS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO. **Revista Corixo de Extensão Universitária**, n. 7, 2017.

ARAUJO, K. dos S. **Representações sociais de adolescentes acerca da autolesão**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá – MT, 2021, em fase de elaboração.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977

CAMPOS, Denise Teles Freire; LEMGRUBER, Marcio Silveira; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Metáforas e objetivação: questões acerca da produção de sentidos nas representações sociais. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, n. 50, p. 161-178, 2020.

CARVALHO, M. G. W. **Mãe, foi assim que você chorou quando a minha irmã morreu?**: Práticas educacionais no anúncio da morte *para, pela e com* crianças no contexto da pandemia de covid-19 – um estudo em representações sociais. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá – MT, 2021. No prelo.

DUVEEN, G; LLOYD, B. Las representaciones sociales como una perspectiva de la psicología social. In: CASTORINA, J. A. (Org.). **Representaciones sociales: Problemas teóricos y conocimientos infantiles**. Barcelona: Gedisa, 2008.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e de grupos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, [p. 64-89].

GRAUE, Elisabeth.; WALSH, Daniel. Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

JODELET, D. As representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). **As representações sociais**. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. [p.17-43].

JOVCHELOVITCH, S. Social representations and narrative: stories of public life in Brazil. In: LÁSZLÓ, J.; ROGERS, W. S. **Narrative approaches in Social Psychology**. Budapeste: New Mandate, 2002. p. 47-58

MARKOVÁ, Ivana. **A fabricação da Teoria das Representações Sociais**. Cadernos de Pesquisa. v.47, n.163, p. 358-375, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n163/1980-5314-cp-47-163-00358.pdf> . Acesso em: 13 set. 2021.

MAZZOTTI, T. B. Núcleo figurativo: themata ou metáforas?. **Psicologia da Educação**, n. 14-15, 2002.

MAZZOTTI, T. B. Metáfora: figura argumentativa central na coordenação discursiva das representações sociais. CAMPOS, Pedro Humberto Farias. LOUREIRO, Marcos Correa da Silva (orgs). **Representações Sociais e Práticas Educativas**. Goiânia: Ed. UCG, p. 89-102, 2003.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PRESTES, Z. R. **Quando não é Quase a Mesma Coisa: Análise de Traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil**. Repercussões no Campo Educacional. 2010. 295p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília.

SCHMIDT, B. *et al.* **Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19)**. *Estud. psicol.* (Campinas), Campinas, v. 37, e 200063, 2020. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100501 Acesso em: 13 set. 2021.

TEIBEL, E. N. H. **Narrativa como mediadora de vivências infantis no contexto hospitalar**: as representações sociais sobre o cuidado em uma enfermaria pediátrica, segundo equipe de saúde e as significações infantis. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá – MT, 2017. Disponível em:
<https://www1.ufmt.br/ufmt/un/publicacao/ppge?busca=teibel&filtro=autor&categoria=>. Acesso em: 13 set. 2021

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000

VIGOTSKI, L. S. **Quarta aula: a questão do meio na pedologia**. Tradução de Márcia Pilleggi Vinha. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, out./dez. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 set. 2021.

ZITTOUN, Tania. The role of symbolic resources in human lives. In: **The Cambridge handbook of sociocultural psychology**. Cambridge University Press, 2007. p. 343-361.